

A identidade feminina no romance *O quatrilho*

The female identity in the novel *O quatrilho*

Marília Campos Sabino*

lia_sabin@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este trabalho aborda a representação da identidade feminina no romance *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato (1991). Utilizando-se a distinção entre as buscas feminina (patriarcal) e feminista (antipatriarcal), investigam-se comportamentos das personagens Teresa e Pierina que rompem com as tradições da época em relação ao ser feminino. Nesse sentido, objetiva-se discutir a relação existente entre mulher, cultura e sociedade, verificando as influências da cultura italiana e da Igreja Católica sobre a mulher e buscando compreender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. Para tanto, a partir do Historicismo e de uma metodologia hermenêutica e qualitativa, são utilizadas informações sobre a identidade feminina herdada do cristianismo e mantida até a virada do século XIX. Os resultados obtidos reforçam a ideia de que as diferenças existentes na sociedade devem ser entendidas de acordo com os parâmetros ditados pela cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Cultura. Identidade feminina. Busca feminista.

ABSTRACT: This work addresses the representation of the female identity in the novel *O Quatrilho*, by José Clemente Pozenato (1991). Using the distinction between feminine (patriarchal) and feminist (anti-patriarchal) pursuits, this work investigates the behavior of Teresa and Pierina, characters who break with the traditions of the time against the feminine being. In that sense, the objective is to discuss the relationship between women, culture and society, checking influences of Italian culture and the Catholic Church on women and trying to understand gender as constituent of the identity of the subjects. To do so, from Historicism and hermeneutic and qualitative methods, information on the female identity inherited from Christianity and continued until the turn of the nineteenth century is used. The results support the idea that the differences in society must be construed in accordance with the parameters dictated by culture.

KEY-WORDS: Gender. Culture. Female identity. Feminist pursuit.

* Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/UFRN, sob orientação do Prof. Dr. José Romerito Silva

Introdução

A partir da segunda metade do século XIX, grande quantidade de imigrantes italianos começou a fixar-se no Brasil, principalmente na região Sul, em busca de melhores condições de vida. É nesse contexto que a obra *O quatrilho* (1991), de José Clemente Pozenato, está inserida. O enredo tem como ápice uma troca entre casais, membros de duas famílias de descendentes italianos. Em busca de uma vida mais próspera. Os casais Teresa e Ângelo, Pierina e Máximo decidem comprar, em sociedade, uma propriedade de terra. Com a convivência, aumenta o interesse mútuo entre Teresa e Máximo, que acabam descobrindo o amor fora do casamento. Os amantes fogem, favorecendo um recomeço também para os cônjuges que permaneceram na colônia (Ângelo e Pierina).

O modo como a mulher foi vista nessa época foi bastante influenciado pelos valores da cultura italiana e da Igreja Católica. A partir de um percurso histórico, percebemos que a visão que se tem da mulher mudou muito nos últimos anos. No entanto, ainda é comum pensar os gêneros de forma dicotômica e polarizada, em uma lógica invariável de dominação-submissão, sendo o homem considerado superior. Desconstruir essa dicotomia permite observar que o poder se exerce em várias direções e que o polo masculino contém o feminino e vice-versa. Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e incessante, entendemos que as relações entre homens e mulheres e suas representações estão em constante mudança, bem como as identidades de gênero (LOURO, 1997, p. 34).

Considerando o exposto, a discussão proposta parte de comportamentos das personagens Pierina e Teresa, tidos como inovadores frente às tradições da época, relacionadas a questões como religiosidade, casamento e amor. Com este trabalho, retomamos e ampliamos uma análise já iniciada acerca dessa mesma temática durante a graduação em Letras na UFRN, intitulada “Da Tradição à Inovação: a identidade feminina no romance *O Quatrilho*”. Sendo assim, nosso objetivo é abordar a representação da figura feminina na obra em questão, analisando a relação existente entre mulher, cultura e sociedade. O elo entre a literatura e os estudos culturais permite a inserção, por meio das produções artísticas, de temas considerados “menores” pelas elites, como o preconceito e o machismo, de forma a instaurar uma cultura comum a todos. Nesse sentido, nossa pesquisa está fundamentada em uma metodologia hermenêutica, por meio do Historicismo,

corrente na qual um texto só pode ser compreendido se os seus contextos de produção e de leitura forem considerados e confrontados. A pesquisa é de natureza essencialmente qualitativa, com destaque para os conceitos de papel, gênero e identidade.

1 Mulher, cultura e sociedade

Por muito tempo, a mulher foi destinada aos papéis de mãe e esposa, ficando restrita ao espaço do lar e isolada do âmbito social se não houvesse intermediação masculina. Suas ações e atitudes eram desvalorizadas, de forma que as identidades masculina e feminina foram hierarquizadas e o que era apenas diferença biológica tornou-se desigualdade. Assim, foram prescritos os papéis apropriados para o homem e a mulher.

Para Louro (1997, p. 23), papéis seriam padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos como (in)adequados para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, os quais deveriam responder a essas expectativas. No entanto, os sujeitos têm identidades plurais, múltiplas, que se transformam e podem até ser contraditórias. O sentido de pertencimento a diferentes grupos constitui o sujeito e institui sua identidade, o que transcende o desempenho de papéis.

As instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes deles. Assim, é impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que ela é produzida e mantida. O gênero é culturalmente construído; não é o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto ele (BUTLER, 2003). Gênero é o conjunto de expressões daquilo que se pensa sobre o masculino e o feminino (AUAD, 2003). Da mesma forma, as identidades são sempre construídas nas relações sociais, de forma transitória.

Segundo Bernd (2003), a identidade é uma entidade que se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação, sendo o lugar de confluência do múltiplo, que transcende binarismos redutores. A busca identitária pode funcionar de duas maneiras: como sistema de vasos estanques (primeiro grau), originando cristalizações discursivas, e como processo (segundo grau) em constante (des)construção, sem negação do outro. Fatores políticos e culturais,

dentre outros, influenciam o desenvolvimento psicológico, tendo em vista que a identidade é formada a partir de um “eu” ativo, do meio externo a esse “eu” e de um mecanismo que ajusta o “eu” ao externo. Dessa forma, o processo de identidade cultural é resultado dos processos de identificação (ERIKSON, 1976 *apud* FERNANDES, 2009).

Cada mudança representa o desfecho de vários conflitos. Ao longo dos tempos, as sociedades presenciaram sempre o embate entre o “conservador” e o “inovador”, o que se reflete na questão da identidade feminina. Os dualismos hierárquicos fundamentam a epistemologia ocidental e o pensamento moral. Os preconceitos contra o feminino constituíram uma tradição que não pode ser eliminada facilmente.

O Velho Testamento mostra mulheres quase “funcionárias” de seus maridos, com muitos deveres a cumprir, em “um *lugar marcado* feito de silêncio e estereótipos” (CARVALHO, 1990, p. 36). Nesse lugar, “vamos encontrar a mulher representada, ao longo da tradição literária, como aquela que deve sempre viver a espera, a submissão, o sofrimento, a saudade, a resignação” (CARVALHO, 1990, p. 36). O Novo Testamento mostra ainda o principal dever feminino: “Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor” (Colossenses 3:18). A poligamia era a regra para os homens. Já uma mulher que não se casava tinha poucas alternativas para sobreviver além de entregar-se à prostituição. Provavelmente, o fato de um homem sustentar diversas mulheres era visto como a solução para esse problema. O adultério era crime, com pena de morte para os envolvidos (além do castigo da condenação eterna). As viúvas, por sua vez, deviam casar-se com o irmão do falecido marido, para garantir a manutenção do patrimônio familiar. Toda mulher deveria se casar virgem, ser fértil e procriar o máximo possível, a fim de dar descendentes a seus maridos. As mulheres não deviam sentir prazer e, aparentemente, a maioria dos casamentos não era motivada por amor.

A mulher é exposta como a “alavanca” propulsora da discórdia desde os fundamentos da história da humanidade e da nossa literatura. “Adão e Eva não são apenas dois seres humanos; são dois tipos de humanidade — masculina e feminina. O castigo de Adão é o destino masculino de trabalho e criação, e o sofrimento de Eva é o parto” (NYE, 1995, p. 115). De fato,

a história da civilização e da filosofia ocidentais só varia até o ponto em que cada era dá ênfase a alguns aspectos favorecidos, característicos; quanto ao conhecimento e sua aquisição, todas as eras nessa história têm em comum a *explícita desvalorização da terra e do corpo* – mais especificamente, o corpo da mulher, junto com formas de saber e estar no mundo associadas ao feminino. Mesmo cristãos como São Paulo e Santo Agostinho, que desprezam os deuses pagãos como Apolo, continuam, entretanto, a exaltar e a manter no centro de sua teorização, o dualismo apolíneo hierárquico que avilta o corpo humano, considerando o corpo *feminino* mais especialmente pecaminoso, culpando Eva (e todas as mulheres subsequentes) pela queda do Homem, pelo Pecado Original e tudo mais (WILSHIRE, 1997, p. 103).

Essa visão da mulher como um ser traiçoeiro resistiu ao tempo e chegou até os nossos dias. Há patriarcado (dominação universal das mulheres pelos homens) desde os tempos antigos (dentre outras formas de dominação também presentes em diversas culturas). Entre outros motivos, as mulheres assumiram as propriedades da família e do lar devido ao afastamento dos homens pelas guerras. Essa razão, somada com as precárias condições de vida do passado, também justificou a poligamia masculina já citada. Nesse sentido, ao longo do tempo, a presença feminina foi se reduzindo ao âmbito doméstico e foi ganhando forma a separação entre o mundo público e o privado (AUAD, 2003). Na Idade Média, esse sistema patriarcal, ditado pela Igreja, fez-se presente em obras como os contos de fadas. A mulher, representada por personagens como Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida, aparece ocupando um lugar de submissão, de incapacidade e de dependência do poder masculino, em uma vida marcada pelas obrigações de casar-se, realizar os trabalhos domésticos, procriar e viver “feliz para sempre” ao lado do “príncipe encantado”, o legítimo senhor do castelo e das terras. Isso é confirmado por Beauvoir (1980, p. 214):

A Igreja exprime e serve uma civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. É fazendo-se escrava dócil que ela se torna também uma santa abençoada. Assim, no coração da Idade Média, ergue-se a imagem mais acabada da mulher propícia aos homens: a figura da Virgem Maria cerca-se de glória. É a imagem invertida de Eva, a pecadora; esmaga a serpente sob o pé; é a mediadora da salvação como Eva o foi da danação.

Mesmo no século XVII, quando teve início o feminismo, a mulher continuava associada à fragilidade, à indolência, à luxúria, e a Igreja era a principal responsável

por isso (AUAD, 2003). Em meados do século XIX, muitas dessas regras de conduta para o sexo feminino ainda persistiam. A mão de obra feminina não tinha um trabalho livre e específico para si, além do governo da casa. Em função disso e de fatores como a procriação como objetivo principal do casamento, a maior valorização dos interesses familiares, a pouca instrução (sexual, inclusive), a desvalorização dos critérios afetivos, não restava outra alternativa para a mulher a não ser casar-se, e esse casamento deveria ocorrer o mais breve possível, com pouco ou nenhum namoro e um noivado rápido (DEL PRIORE, 2006). O amor continuava não sendo a motivação dos casamentos (DEL PRIORE, 2006). A felicidade matrimonial independia de sentimentos e poderia ser garantida se homem e mulher realizassem os seus papéis. O homem era o chefe e provedor da família. O ser feminino, por sua vez, era indispensável para a fundação e manutenção de um lar, devendo atender às necessidades do marido e obedecê-lo. Não havia muito a dividir ou a somar no casamento, a não ser a luta pela sobrevivência. Quanto mais um casal tinha filhos mais era abençoado por Deus e mais a mulher cumpria seu dever. Uma mulher sem filhos era frustrada e envergonhada perante a sociedade.

A fidelidade e a pureza eram virtudes preciosas exigidas das mulheres e fundamentais para a manutenção do casamento. Elas deviam ser educadas para agradar e ser mães, estimular o desejo dos homens e, simultaneamente, impedir sua lascívia. Mas havia sempre o risco de um amor fora do matrimônio. Del Priore (2006) nos diz que, em função do machismo, poucos pensavam na hipótese de infidelidade feminina, mas o século XIX foi um período de muito sofrimento para homens também. O prazer sexual feminino continuava não sendo importante. As mulheres casavam-se virgens, e o sexo para elas parecia ser um verdadeiro sacrifício, e era melhor que para todas realmente o fosse, pois “aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente anormal” (DEL PRIORE, 2006, p. 208) e poderia ser internada em hospícios. Da mesma forma, a beleza do outro não estava em primeiro plano.

2 Pierina e Teresa: a busca feminista por uma nova versão de identidade

De uma forma geral, o romance em estudo mostra um pouco da história dos imigrantes italianos que se fixaram no sul do Brasil. A obra encontra-se dividida em quatro partes, chamadas de “contagens”, de tamanhos desiguais. Tudo começa com

o casamento de Ângelo e Teresa, um dos casais protagonistas. Após cinco anos de namoro e noivado, eles se casam e Teresa vê que o casamento não é bem aquilo que ela esperava. Sua prima Pierina é casada com um rapaz chamado Máximo, para quem Teresa começa a olhar “com outros olhos”, sendo correspondida. Em busca do seu próprio pedaço de terra, Ângelo compra uma colônia em parceria com Máximo, por não ter condições financeiras de pagá-la sozinho. No início, os negócios prosperam e as duas famílias vivem em harmonia. Até que a traição entre Teresa e Máximo se concretiza e eles fogem, “obligando” Ângelo e Pierina a também recomeçarem suas vidas juntos.

Retomando o que foi abordado em Dantas, Fontoura e Sabino (2012), vemos que, na obra em estudo, Teresa e Pierina são duas personagens que representam uma mudança no comportamento feminino na virada do século XIX para o XX. Teresa, esposa de Ângelo, é a mulher sonhadora, meiga e vaidosa, que descobre em Máximo que o casamento nem sempre vai ser a concretização de seus sonhos. Pierina, esposa de Máximo e prima de Teresa, representa a mulher resignada, ríspida e simples, que tinha por metas ajudar o marido no que fosse necessário e criar os filhos.

Estando ainda solteira, Teresa queria casar logo com Ângelo, pois “sentia-se desapontada e envergonhada” (POZENATO, 1995, p. 14) por ver suas irmãs casando. Ela estava “ficando para titia” e imaginava os comentários a seu respeito nas rodas de fofoca. “A mais virada de todas” as filhas de *mama Giulietta* “não sabia muito bem o que sentia um homem e o que fazer quando estivesse sozinha, na mesma cama, com ele” (POZENATO, 1995, p. 15). Ela não conseguia resolver tais dúvidas nem com as irmãs já casadas, que deviam permanecer recatadas, não conversando sobre “certos assuntos”.

Além disso, Teresa desejava ousar em algumas atitudes, como querer beijar o marido na frente de todos, na igreja, após a benção do padre. Embora esse desejo tenha sido frustrado, o importante é que ela estava cumprindo um de seus deveres como mulher em uma comunidade fundamentada em preceitos cristãos e prometendo ser fiel ao marido até o fim de suas vidas. Teresa passou a ser esposa, mulher igual às outras, futura mãe e dona de casa. Do dia do casamento em diante, sua nova família seria a de Ângelo, seu marido.

O *quatrilho* mostra que a mulher em geral era tratada como um objeto, a ser usado e descartado pelo homem. Pierina exemplifica isso. Entendia de galinhas, de

massa de pão e de enxada, sabia escovar o chão e arear panelas. Na visão de Máximo, tinha a mente prática e obstinada. “Não ficava perdendo tempo com bordados, e crochês, e coisas finas. Tinha as mãos grossas de lavar, cozinhar, fazer o pão, tirar o leite” (POZENATO, 1995, p. 48); “(...) no cabo da enxada ou da foice não perdia para um homem. (...) Não precisou de fita no cabelo, rendas no vestido, essas bobagens” (POZENATO, 1995, p. 49); para ela, o homem é que deveria se enfeitar. “A obrigação dela era fazer bem a comida, ter a casa e a roupa limpas e ajudar em todo o serviço” (POZENATO, 1995, p. 49). Aliás, um ditado popular usado pela própria Pierina serve para sintetizar a visão de mulher que ela valorizava: “Beleza não põe a mesa. O pai cansava de dizer que os homens namoram as bonitas, mas casam com as que sabem governar a casa” (POZENATO, 1995, p. 48).

De fato, conforme a visão do papel feminino da época,

a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e oportunidades [...] Bastava-lhes orientar a vida desde a infância no sentido da busca de um marido e da formação da família (FRIEDAN, 1971, p. 17-18).

Então, Pierina só precisava mostrar que era uma mulher prendada e que, por isso, estava pronta para casar. Quanto a essa questão, ela tinha motivos para se orgulhar: fora educada, conforme os moldes de sua cultura e de sua sociedade, para os afazeres do lar, para ser fiel e obediente ao seu marido.

Em uma cultura em que a sexualidade das mulheres era limitada e controlada pelos homens e a monogamia destas era enaltecida como regra, algumas atitudes tomadas por Teresa e Pierina foram consideradas pecaminosas, constituindo transgressões aos costumes da época e aos preceitos religiosos. Elas ousaram questionar dogmas, profanaram a concepção de amor cristão e a experiência sagrada do casamento por fundi-las com os desejos carnis. O contato sexual, no caso dos dois novos casais, não ocorreu após ser legitimado pelo casamento indissolúvel, conforme os ensinamentos da Igreja. As ações de Teresa e Pierina refletem o que mais tarde resultou no surgimento de uma nova instituição, gerada no Brasil a partir de 1960, principalmente na classe média: o casamento sem papel nem cerimônia oficial.

Pierina e Teresa inovaram também em outro aspecto: elas se aventuraram a assumir o papel do *buscador*, geralmente protagonizado pela figura masculina,

conforme a tradição patriarcal. O *buscador* é aquele que busca o que quer dominar. Nesse sentido, a mulher estava proibida de exercer seu poder de busca, sendo meramente o terreno e o objeto buscados pelo herói. O casamento se fundamentava no pacto desigual em que a esposa era a submissa e o marido era o dominador, em virtude da superioridade do seu sexo. O *quatrilho* não demonstra, por meio de atitudes das personagens em questão, uma busca estritamente feminina dentro da busca patriarcal masculina, sendo tal busca

uma aprendizagem dos papéis que a mulher tem que representar na sociedade e nas narrativas do patriarcado. Se a Bela Adormecida dorme enquanto espera seu príncipe, e se seus sonhos representam uma viagem por dentro de si mesma, tudo bem, contanto que esta *viagem* a prepare para aceitar seu papel feminino na narrativa do príncipe-herói que virá descobri-la (DOUGLAS, 1990, p. 73).

Há, principalmente, uma busca feminista, a qual rompe com os padrões patriarcais da mulher como sexo *buscado*. Teresa reproduz a busca feminina, na medida em que adota o papel feminino que lhe é destinado e a identidade de mulher ensinada pela sociedade. Ela deposita a sua esperança de felicidade na união com Ângelo, cumprindo, assim, o seu dever como mulher: unir-se, por meio de voto perpétuo, ao destino do homem, tornando-se parte dele, o seu outro. Quando finalmente consegue casar, seu trajeto rumo à construção da sua identidade deveria estar cumprido. Entretanto, isso serve como ponto de partida para a manifestação de uma busca feminista, só iniciada quando a esposa de Ângelo conhece e rejeita essa versão tradicional da identidade feminina.

Ângelo mostra-se bem distante do que Teresa sempre sonhou, isolado do prazer e do amor. A vida de casada é diferente do que ela esperava. Seu cotidiano passa a ser triste e sem novidades, até ela encontrar os olhos de Máximo procurando os seus. O olhar de Teresa para Máximo simboliza uma ação tão inversa aos padrões patriarcais que o próprio Máximo se surpreendeu ao perceber-se, em um dado momento, “presa” desse olhar. Ele, até então, tinha sido o *buscador*, que se divertia ao notar as mulheres ruborizadas sob a ação do seu olhar e já lhes conhecia inclusive todos os gestos.

É Máximo que, estando no moinho, recebe as visitas de Teresa, é beijado no rosto, assim como é conduzido ao local que, previamente escolhido por ela, serviu de abrigo secreto para os amantes. Teresa adentra, então, um território realmente

fora das convenções sociais e religiosas da sua época: torna-se amante do esposo de sua prima. Algo que ela mesma buscou. Uma busca que a convidou a buscar cada vez mais, resultando em atitudes que foram, simultaneamente, libertadoras e julgadas condenáveis. Teresa é o subjetivo, o pessoal, o aventurar-se de peito aberto e com coragem pelo desconhecido, a persuasão e a atração de um olhar livre: “Pierina havia sido apenas uma represa, finalmente submergida. Teresa era a água solta, correndo sem obstáculos, em alegre liberdade” (POZENATO, 1995, p. 155).

É loucura ou generosidade acreditar no amor e amar, revisando as convenções sociais e, muitas vezes, fugindo delas? Mesmo na constante tensão de um amor livre e “perigoso”, o novo casal aposta, se arrisca a tudo ganhar ou a tudo perder. O amor rompe o tédio do cotidiano de Teresa e os seus dias passam a ser diferentes. Ela passa a ter alegria e esperança, ao invés de dúvidas e infelicidade. Com a descoberta do amor, a *febre* da ausência se esvai totalmente e o peito, antes vazio do sentimento amoroso, finalmente ganha vida completa. Máximo, seu amante, compartilha a mesma tensão, os mesmos riscos e a mesma alegria. A partir do momento em que se torna uma mulher livre, rompendo os obstáculos que a separam do ser amado, Teresa não tem outro destino senão aquele que ela constrói livremente para si.

Ângelo Gardone sofreu com a traição e o abandono da esposa, mas reconstruiu sua vida ao lado de Pierina que, sentindo-se viúva, precisava manter o patrimônio familiar conquistado e alimentar seus filhos. Uma união que se baseou nas circunstâncias e no estado de espírito dos envolvidos não tem muita proximidade com o amor. Percebemos, na obra, referências à dedicação, à gratidão e à estima, mas apenas Teresa e Máximo parecem descobrir o amor – fora do casamento, vale salientar.

Pierina também se tornou uma *buscadora*. Mostrou-se uma mulher forte e capaz de ajudar seu novo esposo a iniciar uma vida nova, dirigir suas propriedades e seu lar. Sua visão foi aberta depois da fuga dos amantes, e ela também foi convidada a experimentar a liberdade. Tomou a rápida decisão de introduzir o jovem filho de um dos vizinhos em sua casa, uma vez que ficou sozinha com Ângelo após ser abandonada, com o intuito de tentar evitar a ação das “más línguas”; intrometeu-se em assuntos “de homem” ao buscar persuadir Ângelo sobre a permanência na casa e na vila; e, por fim, Ângelo é quem foi *buscado* e despertado por Pierina em

uma noite em que ela estava “quente”, algo decisivo para o desenrolar dos acontecimentos futuros.

A ida de Pierina à igreja, com a finalidade de fazer reclamações ao padre Gentile, também pode representar uma busca da mulher, diante da autoridade eclesial, por sua dignidade. Essa atitude, aparentemente desrespeitosa, rompeu com as regras de conduta ditadas pela Igreja:

Mas a história do padre Gentile era com ela, e isso ela ia resolver de uma vez por todas. Ia mostrar para aquele padre falso quem era “aquela mulher”. Quem era o “demônio”. Por culpa dele é que ela se trancara em casa, esperando o filho, recebendo visitas das curiosas, imaginando o que andariam falando dela. Por culpa dele, também, é que o Ângelo não parava mais em casa, tendo que viajar até onde o Judas perdeu as botas. A bem dizer, parecia uma viúva.

(...)

- Calma uma bosta de cabra – gritou Pierina. - O padre Gentile está entendendo, sim. Não sou uma cadela, como ele pensa. Sou mãe de três filhos, e tenho mais um aqui dentro. Padre Gentile – disse, num urro – o senhor vai para o inferno. O senhor é que é o demônio. (...) Se o senhor não fosse padre eu tinha vindo com uma espingarda. (...) O senhor tem raiva de mulher, é isso. Tem raiva porque não pode. E ninguém me garante que o senhor é santo. Quem é que me garante que o senhor não tem uma *putana*?

(...)

- O inferno existe também para os padres. Não esqueça, padre Gentile (POZENATO, 1995, p. 191-193).

Teresa e Pierina representam, então, o equilíbrio entre o presente e o passado, entre tradição e modernidade. Del Priore (2006) afirma que o século XIX parecia fascinado pela inconstância de mulheres complexas, que reuniam o melhor e o pior, a exemplo da Aurélia de José de Alencar, criatura que era anjo e demônio simultaneamente. As duas personagens da obra estudada ousaram ter uma visão própria de vida e coragem para assumir suas buscas feministas por uma nova versão de identidade.

Considerações finais

Ao analisar o romance *O quatrilho*, percebemos que nenhuma visão da mulher é melhor ou pior que outra, superior ou inferior, apesar das “verdades” ensinadas por escolas, igrejas e famílias, dentre outras instituições. A dependência

econômica e psicológica das mulheres não foi construída, durante séculos, sobre dados biológicos. Antes, tais dados é que foram associados à inferioridade feminina. A ideia de uma natureza diferente justificou a separação de papéis e de espaços (AUAD, 2003). Não são as diferenças sexuais/biológicas que justificam as desigualdades, mas é a forma como essas diferenças são representadas ou valorizadas que constitui o que é feminino ou masculino em uma sociedade e em um momento histórico (LOURO, 1997, p. 20).

É necessário saber reconhecer as diferenças existentes de acordo com os parâmetros ditados pela cultura. No século XIX, para a mulher, as “cartas” certas ainda eram casar, saber governar a casa, procriar, cuidar do marido e dos filhos. O ser feminino ambicionava apenas o marido e os filhos, vivendo por intermédio deles, em adaptação ao seu “papel biológico”, sem alcançar sua total plenitude como ser humano. Nesse sentido, caracterizamos as buscas realizadas por Pierina e Teresa principalmente como feministas, tendo em vista algumas ações contestadoras e insubmissas dessas personagens, que rompem com a tradição patriarcal do herói buscador, dominante no discurso literário ocidental, na medida em que exercem sua subjetividade e seu poder de busca (DOUGLAS, 1990).

Referências

AUAD, D. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1980.

BERND, Z. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, L. H. de O. V. A ponta farpada ou o lugar marcado da mulher no discurso da tradição. In: GOTLIB, N. B. (Org.). *A mulher na literatura*. Vol. II. Belo Horizonte: UFMG, 1990, p. 35-41.

DANTAS, I. M. G.; FONTOURA, M. L.; SABINO, M. C. Da Tradição à Inovação: a identidade feminina no romance O Quatrilho. In: *Anais da XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Natal: EDUFRN, 2012.

- DEL PRIORE, M. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DOUGLAS, E. H. A busca feminista em Perto do coração selvagem. In: GOTLIB, N. B. (Org.). *A mulher na literatura*. Vol. II. Belo Horizonte: UFMG, 1990, p.71-79.
- ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.
- FERNANDES, C. de S. *Literatura e identidade: A recepção do texto literário na penitenciária estadual de Maringá*. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UEM, Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/csfernandes.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2013.
- FRIEDAN, B. *Mística feminina*. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NYE, A. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- POZENATO, J. C. *O quatrilho*. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- WILSHIRE, D. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In: JAGGAR, A.; BORDO, S. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.